

A CRÍTICA DE EDMUND HUSSERL AO PSICOLOGISMO LÓGICO¹Crislaine Ramos ²

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos da crítica de Edmund Husserl (1859–1938) ao *psicologismo*, concentrada nas “*Investigações Lógicas: Prolegômenos a Lógica Pura*” (1900). Ao rejeitar as teses psicologistas, o filósofo direcionou sua análise, sobretudo, ao *psicologismo lógico*. Nas páginas seguintes, primeiramente apresenta-se, de modo pontual, a teoria psicologista e seus obstáculos. Em seguida, esclarece-se a análise husserliana sobre a necessidade da distinção entre os domínios do real e do ideal, essa análise explicitará que a fundamentação da lógica como ciência independe de conteúdos psicológicos, por fim que essa concepção evidencia a ideia de uma *Lógica Pura*, uma “doutrina da ciência” que objetiva constituir uma lógica não psicológica, tornando-a aplicável ao domínio científico.

PALAVRAS-CHAVE: Husserl, Prolegômenos, Psicologismo Lógico, Lógica Pura.

EDMUND HUSSERL'S CRITIQUE OF LOGICAL PSYCHOLOGISM

ABSTRACT: This paper aims to discuss some aspects of Edmund Husserl's (1859–1938) critique of *psychologism*, concentrated in “*Logical Investigations: Prolegomena to Pure Logic*” (1900). By rejecting the theses of *psychologism*, the philosopher focused his analysis, above all, to *logical psychologism*. In the following pages, we will present the psychologistic theory and its obstacles. That said, we will clarify the Husserlian analysis on the need to distinguish between the real and the ideal domains, this analysis will explain that the foundation of logic as science is independent of psychological contents, finally, this conception proves the idea of a *Pure Logic*, a “*Doctrine of Science*” That aims to constitute a non-psychological logic, making it applicable to the scientific domain.

KEYWORDS: Husserl, Prolegomena, Logical Psychologism, Pure Logic.

A crítica ao psicologismo é um dos temas centrais do pensamento de Edmund Husserl. Em “*Investigações Lógicas: Prolegômenos a Lógica Pura*” (“*Prolegômenos*”), o autor apresentou um conjunto de análises com o propósito de atestar a essência contraditória e o

¹ Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em andamento.

² Mestranda em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) E-mail: crislaineramos96@gmail.com

absurdo das consequências psicologistas. Ao rejeitar as teses, o filósofo direcionou sua análise, sobretudo, ao *psicologismo lógico*. O seu objetivo consistiu em suprimir a concepção de que a lógica poderia ter seus princípios fundamentados a partir das ciências empíricas, em particular, a psicologia. Isso exigiu, por parte do autor, a elaboração de uma nova teoria, que determinasse a fundamentação e a justificação da lógica em seus princípios fundamentais válidos *a priori*, irreduzíveis a qualquer constituição psicológica. Refutando os ideais psicologistas, o filósofo defendeu uma filosofia científica orientada por uma *Lógica Pura* (“uma doutrina das ciências”), cuja tarefa será a de fundamentar a si mesma e, em simultâneo, as demais ciências.

O *psicologismo* foi uma tendência muito presente no século XIX, para muitos intelectuais, esse modo de pensar aparentava ser a chave de explicação para os problemas da Teoria do Conhecimento e da Lógica. O ideal psicologista estava relacionado ao naturalismo, abordagem metodológica que adotava um tratamento empírico para questões de ordem metafísica. Sua origem se conecta a situação da filosofia alemã pós-Hegel, um período dominado por crises e controvérsias, com uma forte reação a toda metafísica e filosofia especulativa entrando em crise de legitimidade.³ Desde o fim do século XVIII até o início do século XIX, além de fortes críticas à metafísica e o saber especulativo, percebe-se um fascínio pelo ideal de conhecimento obtido por métodos e abordagens características das ciências da natureza. Frente a esse ideal de conhecimento, no que se refere ao campo intelectual, em desfavor do pensamento filosófico, estava instaurando-se um ponto de vista cientificista ou positivista em que o saber acerca das grandes questões da humanidade poderia ser melhor explicado pelas ciências naturais. Cabe destacar que, na Alemanha de meados do século XIX, o positivismo era uma posição predominante de ciência. As ciências naturais possuíam classificação de ciência positiva, e qualquer campo que se afirmasse científico tinha de examinar seu objeto de estudo a partir do domínio empírico.⁴ Tendo em conta essa forte influência, muitos intelectuais adotaram tal atitude, afirmando que esse ideal de conhecimento deveria ser à base também para as questões de cunho filosófico.

Na época a psicologia ainda era uma disciplina da filosofia, mas construindo suas bases epistemológicas como uma ciência instrumentalizada e sistematizada, apropriada para reorientar o conhecimento. Para ser reconhecida como ciência, a psicologia deveria seguir os

³ Cf. PELLETIER, *et al.*, 2008, p. 02; FARBER, 2012, p. 236; PORTA, 2014, p. 358, 2021, p. 357.

⁴ Cf. MADUREIRA, 2008, p. 06.

Polymatheia

Revista de Filosofia

métodos das ciências naturais, nesse contexto, suas considerações foram direcionadas para fins mais objetivos e concretos, rompendo com preceitos metafísicos para, assim, se estabelecer como ciência. O seu desenvolvimento passou a fazer oposição à filosofia, tentando inclusive absorvê-la, isto, pois, sendo a psicologia uma disciplina pretensamente científica, sua incorporação garantiria a filosofia todo o rigor encontrado nos métodos aplicados pelas ciências naturais/empíricas. A disciplina passou a ser concebida como o modo mais seguro para a descrição dos fenômenos da consciência, também foi utilizada nos mais diversos campos do saber: moral, estética, semântica, lógica, entre outros. Pois, nesse âmbito dominado pelas ciências da natureza, tinha-se a preocupação de não negligenciar as pesquisas empíricas no campo gramatical, bem como em outros campos.⁵ A tendência psicologista consistiu em uma forma de radicalização da psicologia.

[...] a psicologia tornou-se, ao longo de seu desenvolvimento, uma ciência de pleno direito em função de seus resultados e realizações, o psicologismo, por seu turno, acabou por evidenciar-se como um entrave ao desenvolvimento tanto da filosofia quanto das demais disciplinas [...] Dito de outro modo, enquanto grande parte dos estudos no campo da psicologia orientou-se para a delimitação precisa de seu domínio, consolidando esforços universalmente reconhecidos e que forneceram problemas e soluções modelares para sua comunidade de investigação, o psicologismo procurou estender esse domínio (e suas leis) a outros campos de investigação — sem que os requisitos lógico metodológicos para tal procedimento fossem devidamente observados, na esperança de fornecer-lhes uma fundamentação que garantisse coerência interna para suas teorias e uma maior adequação possível aos fatos investigados.⁶

Pode-se dizer que o *psicologismo* consiste na redução de um determinado âmbito do conhecimento à psicologia, todavia, não é simples conceituá-lo. Porta diz que o termo possui diversos significados,⁷ e que podemos distinguir pelo menos três categorias de *psicologismo*: “o lógico”, “o semântico” e “o epistemológico”. Como explica o autor:

O psicologismo lógico é uma teoria que se propõe assimilar a lógica à psicologia, concebendo a primeira como parte da segunda e negando, desta forma, a existência de entidades e estruturas. O psicologismo semântico consiste em reduzir significações

⁵ Cf. HUSSERL, 2015, p. 288.

⁶ LAUER, 2021, p. 99.

⁷ PORTA, 2021, p. 357.

Polymatheia

Revista de Filosofia

linguísticas a entidades psicológicas. O psicologismo epistemológico, finalmente, reduz o conhecimento (e/ou a validade epistêmica) a um processo psicológico.⁸

Em nosso estudo consideramos analisar a perspectiva que considerou que as investigações psicológicas do pensar eram condições necessárias e suficientes para a investigação lógica. No que se refere a esse raciocínio psicologista, Kusch no escrito “*Psychologism*”, apresentou os seguintes argumentos:

Argumento 01

01. A psicologia é definida como a ciência que estuda todas as leis do pensamento.

02. A lógica é um campo de investigação que estuda um subconjunto de todas as leis do pensamento.

03. Portanto, a lógica é uma parte da psicologia.

Argumento 02

01. As disciplinas normativas — disciplinas que prescrevem o modo como devemos agir — devem ser fundadas em ciências descritivas-explicativas.

02. A lógica é uma disciplina normativa-prescritiva relativa ao pensamento humano.

03. Há apenas uma disciplina capaz de constituir o fundamento descritivo-explicativo da lógica: a psicologia empírica.

Portanto, a lógica deve ser fundamentada na psicologia.

Argumento 03

01. A Lógica é a teoria dos juízos, conceitos e inferências.

02. Juízos, conceitos e inferências são entidades mentais humanas.

03. Todas as entidades mentais humanas estão no domínio da psicologia.

Portanto, a lógica é uma parte da psicologia.

Argumento 04

01. A pedra de toque da verdade lógica é o sentimento de auto-evidência.

02. O sentimento de auto-evidência é uma experiência mental humana.

Portanto, a lógica trata de uma experiência mental humana; por conseguinte, é uma parte da psicologia.

Argumento 05

⁸ PORTA, 2004, p. 109–110. Para melhores esclarecimentos sobre a história do termo “*psicologismo*”, Cf. PORTA, 2020, p. 49–76.

Polymatheia

Revista de Filosofia

01. Não podemos conceber lógicas alternativas.

02. Os limites da concebilidade são limites mentais.

Portanto, a lógica é relativa ao pensamento da espécie humana; e esse pensamento é estudado pela psicologia.⁹

A base teórica de conceitos e operações lógicas são abordados como propriedades psíquicas, portanto, para conhecer sua fundamentação, precisamos atentar para os processos que ocorrem na consciência. Sendo a ciência que investiga as origens de tais processos uma ciência empírica de natureza indutiva, deu-se preferência a uma psicologia construída sobre princípios empiristas. No entanto, essas considerações revelaram imprecisões. A absorção da lógica como disciplina à psicologia é consequência não só da confusão entre as leis lógicas com as leis psicológicas, mas da redução de umas às outras, uma redução que não afeta só as leis, mas a toda entidade que possa ser considerada especificamente lógica. O motivo fundamental da crítica ao *psicologismo*, conforme Porta, é epistemológico, pois, ele conduz a uma negação da objetividade, consoante ao autor, a essência do *psicologismo* é o *reducionismo*. A controvérsia entre *psicologismo* e *antipsicologismo* centra-se no reconhecimento ou desconhecimento equivocado de domínios lógicos específicos, ou seja, uma diferença entre o *objetivo* e o *subjetivo*. O *psicologismo* reduz a lógica à psicologia, reduzindo o *objetivo* ao *subjetivo*.¹⁰ Para Husserl, essa perspectiva deveria ser evitada, pois, seria nociva à pretensão de fundamentação da filosofia como uma “ciência rigorosa”.

A filosofia husserliana, de maneira geral, abarca como temática a teoria do conhecimento, ou seja, busca demonstrar a possibilidade do conhecimento universal e necessário. Em seu percurso, o pensador precisou combater o *ceticismo* e *relativismo* que surgiram em consequência das abordagens científicas em relação ao problema do conhecimento. Husserl se dedicou a concepção de uma filosofia como “ciência de rigor”, algo que resultou na fenomenologia, primeiramente *psicologia descritiva*,¹¹ que foi fortemente

⁹ KUSCH, 2020.

¹⁰ PORTA, 2004, p. 114–115.

¹¹ Husserl na primeira edição das “*Investigações Lógicas*” declarou que sua fenomenologia era uma espécie de psicologia descritiva. Essa psicologia descritiva não foi feita para ser entendida no seu sentido comum, mas como um método de investigação livre de todos os pressupostos da psicologia e da metafísica, ou seja, um campo de investigação neutra. Esse termo, porém, propiciou diversas críticas, fazendo com que em 1913, na segunda edição da obra, o rejeitasse, distinguindo a fenomenologia de todas as categorias de psicologia, incluindo a psicologia empírica-descritiva brentaniana. Sobre o termo metafísica, nas “*Investigações Lógicas*”, refere-se à existência de um mundo externo. A concepção de metafísica lida com uma esfera limitada de objetos, e seus problemas estão

Polymatheia

Revista de Filosofia

inspirada por seu mestre Franz Brentano, principalmente por seu conceito de *intencionalidade*. Brentano foi o primeiro filósofo a formular esse conceito.¹² É válido destacar que ele não usou propriamente o termo *intencionalidade*, e sim a terminologia *in-existência intencional*. O uso moderno do termo se deve a Edmund Husserl.¹³ Brentano em “*Psicologia do ponto de vista empírico*” (“*PES*”) de 1874, defendeu um novo modo de se fazer psicologia (aqui, a psicologia era apenas mais um nome para a filosofia), distinto dos demais métodos de sua época. O filósofo buscou justificar as bases constituintes de uma ciência empírica do psíquico, estabelecendo o objeto e o método próprio das investigações psicológicas.¹⁴ Em seu empreendimento, a luz do conceito de *in-existência intencional*, caracterizou o *fenômeno psíquico* (ou *ato*), o objeto de estudo próprio da psicologia,¹⁵ e sua peculiaridade em relação ao *fenômeno físico*, objeto de estudo das ciências naturais. O pensador usou esse conceito para identificar a principal característica de um *fenômeno psíquico*.¹⁶ A principal distinção entre ambos estava no caráter de *in-existência intencional* dos *fenômenos psíquicos*, apenas eles têm a característica de serem *intencionais*, ou seja, se direcionam para algo. A *in-existência intencional* (ou *intencionalidade*), portanto, significa essa propriedade que a consciência tem de se dirigir para um *objeto intencional*, ou seja, de ter um conteúdo psíquico que seja representado, julgado, amado ou odiado.¹⁷

Ainda que tenha sido devedor da filosofia brentaniana, o autor observou que seu pensamento diferia do seu mestre. Husserl assumiu o conceito de *intencionalidade*, mas de um ponto de vista crítico, chamou atenção para as limitações da teoria brentaniana, enfatizando a ambiguidade de conceitos como “*consciência*” e “*imanência*”.¹⁸ O princípio da *imanência* diz respeito a doutrina cartesiano-lockeana que afirma que os únicos objetos imediatos de

relacionados aos objetos reais, não objetos ideais. Cf. HUSSERL, 2015, p. 16-18; PORTA, 2010b, p. 75-77; THOMÉ, 2014, p. 135-136.

¹² Cf. BRITO, 2002.

¹³ Cf. BRENTANO, 2020, p. 114-115; MORAN, 1996, p. 05.

¹⁴ É certo que ele não foi o único a fazer considerações acerca da psicologia, propondo como alternativa uma psicologia empírica descritiva, todavia, a repercussão de sua obra foi suficientemente para que significativas escolas de pensamentos se formassem ao seu redor. A princípio o trabalho de Brentano foi incorporado a um projeto de psicologia empírica, tal como em “*PES*”, mas em escritos posteriores ele radicalizou sua abordagem dando ênfase a uma psicologia descritiva.

¹⁵ BRENTANO, 2020, p. 27 e 37.

¹⁶ Cf. BRITO, 2002, 2012, p. 176.

¹⁷ BRENTANO, 2020, p. 114-115.

¹⁸ Cf. HUSSERL, 2015, p. 318-323.

Polymatheia

Revista de Filosofia

conhecimentos são nossas ideias ou representações.¹⁹ Brentano em “*PES*”, sugere que sendo o objeto o que determina a especificidade do ato, deve ser uma propriedade dele, como componente essencial, não pode, logicamente, ser separado do *ato*, por conseguinte, deve ser imanente a ele. Embora existam controvérsias, estudos mais cuidadosos sobre o assunto mostram que em certo estágio, Brentano tendia a tese de que a *intencionalidade* fosse dirigida para um *objeto imanente*. No entanto, em trabalhos posteriores abandonou essa tese.²⁰ Husserl foi um filósofo que rejeitou qualquer forma de imanentismo, para estabelecer sua própria noção de *intencionalidade* (*consciência como vivência intencional*). Em sua concepção, Brentano não conseguiu tirar todas as consequências de sua redescoberta da *intencionalidade* e permaneceu preso a pesquisas psicológicas inadequadas. Embora tenha rompido com certas ideias de seu professor, Husserl não o criticou diretamente.²¹ Nos “*Prolegômenos*”, entre muitos autores citados (Stuart Mill, Theodor Lipps, Wilhem Wundt, dentre outros), Brentano é mencionado apenas uma vez.²² No entanto, o pensador sentiu que o ataque ao *psicologismo* foi dirigido a ele.²³ Guiado pelo princípio da imanência e por uma filosofia estruturada sobre o método das ciências naturais, que exige a objetividade de todo conhecimento, o pensador encontrou dificuldades que apontavam, tanto críticas à metafísica, como também a uma espécie de *psicologismo*.²⁴ Há controvérsias sobre Brentano ser ou não psicologista, segundo comentadores, o filósofo não é psicologista, ao menos no sentido lógico e epistemológico. Ele próprio declarou que tal acusação era indevida, que nunca afirmou esse subjetivismo. O que Husserl chamava de *psicologismo* era o antigo relativismo de Protágoras, ao qual ele sempre se opôs.²⁵

¹⁹ Cf. PORTA, 2014, p. 359. Segundo o autor, “‘*representação*’ é a tradução do termo alemão *Vorstellung* e este, a tradução do termo inglês *idea* e do francês *idée*, [...] o termo *idea* perca o seu sentido platônico, para passar a indicar itens psicológicos, é característico da época moderna [...] *Vorstellungen* são: itens mentais (não necessariamente ‘re-presentativos’ como o sugere a palavra portuguesa ou espanhola correspondente) [...] que não só têm conteúdo sensível, mas que são, eles mesmos, entidades sensíveis (ainda que ‘internas’) enquanto que estão submetidas ao tempo, e reais, pois uma *Vorstellung* é produto de uma causa e submetida, de princípio, a interações causais, que, justamente por isso, merecem ser chamadas de ‘conteúdos de consciência’ [...], os quais, – por não serem auto-subsistentes precisam de um portador [...] sendo sempre ‘privadas’ [...]” (PORTA, 2004, p. 117).

²⁰ PORTA, 2020, p. 195.

²¹ PORTA, 2020, p. 188; HUEMER, 2004, p. 204.

²² Cf. HUSSERL, 2014, p. 27.

²³ Cf. MORAN, 2017, p. 299.

²⁴ Cf. BRITO, 2014, p. 15.

²⁵ Cf. BRENTANO, 2013, p. 169-172; BRITO, 2014, p. 16; MORAN, 2017, p. 299; PORTA, 2020, p. 189.

A mudança que desviou Husserl das ideias brentanianas refere-se a questão sobre a aceitação do domínio do *ideal*, após ter aceitado o domínio dos objetos ideais, pode desistir do ponto de vista empírico de Brentano e desenvolver o método de psicologia descritiva em seu próprio método fenomenológico. Isso lhe permitiu elaborar sua própria teoria da *intencionalidade* sem adotar o imanentismo inicial de seu mestre, e desdobrar sua teoria do *significado*, ambas as quais envolvem a aceitação de *objetos ideais*.²⁶ Edmund Husserl buscou demonstrar o caráter *ideal* das ciências, que devem ser entendidas como um conjunto sistematicamente ordenado de proposições verdadeiras e evidentes, e não como um conjunto de suposições indutivamente obtidas, portanto, não universais e necessárias. A defesa do caráter objetivo das ciências se fez em dois estágios: (1) Com a publicação dos “*Prolegômenos*” (1900), sendo o primeiro volume das “*Investigações Lógicas*”, e mostra através da controvérsia entre a psicologia e a lógica a necessidade de se conceber uma *Lógica Pura*. (2) Em 1901, com o segundo volume da obra (“*Seis Investigações*”), em que se realiza uma fundamentação fenomenológica da mesma.

A refutação husserliana ao *psicologismo* não significou negar a legitimidade da psicologia como ciência, tampouco desmerecer sua contribuição para o estudo da *psique* humana.²⁷ Sua intenção foi mostrar a impossibilidade de se esclarecer a essência da Lógica e Teoria do Conhecimento através de explicações puramente psicológicas. Conforme o filósofo, os conceitos fundamentais lógicos até então estavam acometidos de múltiplos equívocos.²⁸ A lógica estava em um momento em que não tinha clareza sobre seus fundamentos e como ela se constituía enquanto ciência. As análises husserlianas foram direcionadas para a constituição da lógica enquanto uma disciplina científica, se os seus princípios fundamentais (identidade, contradição, terceiro excluído, etc.) eram ou não dependente de outras disciplinas. O problema refere-se às implicações epistemológicas, uma reflexão sobre a essência da lógica, no tocante a sua possibilidade e definição. A crítica do filósofo, portanto, se concentrou no campo teorético, buscando esclarecer os fundamentos de uma *lógica pura* e de um conhecimento *a priori*.

A perspectiva psicologista sustentava, portanto, que os fundamentos teoréticos essenciais da lógica residiriam na psicologia, e as proposições que dão a ela seu cunho

²⁶ Cf. HUEMER, 2004, p. 203 e 213.

²⁷ Cf. FARBER, 2012, p. 243-244.

²⁸ Cf. HUSSERL, 2015, p. 05.

Polymatheia

Revista de Filosofia

característico pertence, quanto a seu conteúdo, ao seu domínio. Afirmavam não haver razão para delimitar uma nova ciência teórica que merecesse o nome de lógica em sentido pleno e estrito.²⁹ Tais considerações foram associadas ao pensamento do filósofo John Stuart Mill. O pensador inglês concebia a lógica como uma arte baseada na ciência psicológica.

A lógica não é uma ciência separada da psicologia e com ela coordenada. Na medida em que é, em geral, uma ciência, é uma parte, ou um ramo da psicologia, e distingue-se dela, por um lado, como a parte do todo e, por outro lado, como a arte da ciência. Deve por inteiro os seus fundamentos teóricos à psicologia, e inclui em si tanto desta ciência quanto o necessário para fundamentar as regras da arte.³⁰

Para o argumento psicologista: (01) a técnica lógica é construída por atividades psíquicas indicadas como objetos de regulação prática; (02) a ciência que por investigação empírica conhece as propriedades psíquicas, é a psicologia, portanto, essa ciência fornece o fundamento teórico para a construção da técnica lógica.³¹ Husserl estava atento aos problemas lógicos e matemáticos da época, visto que suas primeiras produções incluíram a matemática e a psicologia, e sua perspectiva fenomenológica não pode ser desvinculada dessa formação. Ele tinha formação em matemática e recebeu um doutorado neste campo em 1882, intitulado “*Contribuições ao cálculo das variações*”, e em 1877 apresentou sua tese para livre docência “*Sobre o conceito de número*”. Na psicologia, inicialmente se interessou por pesquisas puramente empíricas e descritivas no sentido brentiano.³² A grande mudança em seu percurso intelectual pode ser explicada pelas dificuldades que encontrou ao tentar integrar ambas. De tal modo, o autor afirmou que suas primeiras investigações foram a partir de seus esforços em esclarecer questões da ciência matemática.

[...] as investigações psicológicas ocuparam um lugar muito vasto no primeiro volume (o único publicado) da minha Filosofia da Aritmética. Em certos aspectos, esta fundação psicológica nunca me satisfaz inteiramente. No que concerne à questão pela origem das representações matemáticas [...] o resultado da análise psicológica parecia-me claro e instrutivo. Mas assim que passava das conexões psicológicas do pensar

²⁹ HUSSERL, 2014, p. 39.

³⁰ MILL *apud* HUSSERL, 2014, p. 39. Edmund Husserl estava se referindo à obra “*An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*” (1865). Sobre o psicologismo em Stuart Mill, de acordo com o texto de Martin Kucsh, críticos e intérpretes de sua filosofia, não conseguiram chegar a um veredito se o pensador era ou não psicologista, pois, alguns elementos do seu pensamento o empurram para esse ponto de vista, enquanto outros o afastam. Cf. KUCSH, 2020.

³¹ HUSSERL, 2014, p. 40.

³² ZAHAVI, 2003, p. 01; FARBER, 2012, p. 240.

Polymatheia

Revista de Filosofia

para a unidade lógica do seu conteúdo (a unidade da teoria), não se deixava evidenciar verdadeira clareza ou continuidade [...] deste modo o meu método inteiro, suportado nas convicções da lógica dominante - ou seja, esclarecer logicamente a ciência dada por meio da análise psicológica ficou abalado, vi-me cada vez mais empurrado para reflexões críticas gerais sobre a essência da lógica e, igualmente, sobre a relação entre a subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo do conhecimento.³³

O trecho exposto, faz alusão há um texto de 1891, “*A filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico*”, nesse escrito anterior aos “*Prolegômenos*”, o objetivo de Husserl foi desenvolver uma teoria do número, segundo os princípios metódicos da psicologia descritiva. Partindo de conceitos derivados das ideias brentanianas, buscou uma elucidação psicológica para os conceitos fundamentais da aritmética, tal tentativa, no entanto, se mostrou insuficiente. A rejeição a esse ponto de vista, considerou a crítica de Gottlob Frege. Ao ler à “*Filosofia da Aritmética*”, Frege fez uma resenha atribuindo ao texto indício de *psicologismo*, em sua concepção, Husserl realizou uma confusão entre o *subjetivo e o objetivo*, confundiu a representação do número com o próprio número. Conforme esse autor, a representação do número é algo subjetivo cuja origem está no sujeito, todavia, o número é algo objetivo, independente da *psique* humana. Edmund Husserl errou ao introduzir questões psicológicas no âmbito da aritmética, pois, tanto a aritmética quanto a lógica (as mais exatas das ciências) são *objetivas e ideais*, e não ciências reais, como a psicologia, que concerne a uma ciência imprecisa e vaga.³⁴ Embora, nos “*Prolegômenos*”, o pensador alemão seja mencionado apenas uma vez,³⁵ muitos escritos abordam o diálogo entre ambos autores.³⁶ A repercussão dessa crítica fez Husserl rever seu ponto de vista sobre o assunto, e desenvolver seu *antipsicologismo*.

Essa problemática *antipsicologista* permeava o questionamento sobre qual ciência deveria fundamentar e elucidar o conhecimento.³⁷ Do ponto de vista do psicologista, o conhecimento depende do pensamento, é uma atividade da consciência, portanto, cai no domínio da psicologia. O filósofo constatou que essa definição apresentava uma falta em seu caráter fundacional.³⁸ Os adeptos dessa concepção equivocavam-se, pois, desconsideravam a

³³ HUSSERL, 2014, XIII-XIV.

³⁴ PORTA, 2004, p. 120, 2014, p. 370; HUEMER, 2004, p. 204; MORAN, 2017, p. 297; KUSCH, 2020.

³⁵ HUSSERL, 2014, p. 125.

³⁶ Cf. PORTA, 2004, 2010a, 2010b, 2011, 2021, HUEMER, 2004, p. 204; PELLETIER, *et al.*, 2008; GYEMANT, 2011, p. 23-26; FARBER, 2012, p. 236; KUSCH, 2020.

³⁷ Cf. GYEMANT, 2011, p. 16-17.

³⁸ HUSSERL, 2014, p. 20.

Polymatheia

Revista de Filosofia

diferença essencial entre o domínio da psicologia e da lógica, nas palavras de Husserl, “os lógicos psicologistas ignoram as diferenças fundamentais e essenciais, definitivamente inultrapassáveis, entre lei ideal e real, entre regulação normativa e causal, entre necessidade lógica e real, entre fundamento lógico e fundamento real”.³⁹ A lógica não é uma ciência empírica, não se ocupa de objetos faticamente existentes, ao contrário, tem por escopo uma investigação sobre as estruturas e leis ideais. Suas pesquisas são caracterizadas por exatidão, em contrapartida, a psicologia é uma ciência experimental que investiga a natureza fática da consciência, e seus resultados possuem um caráter vago. Ao reduzir a lógica a psicologia se faz uma incompreensão categorial que desconhece caracteres como *idealidade*, *apoditicidade* e *validade a priori* que caracterizam as leis lógicas. A tese psicologista erra ao não distinguir entre o *objeto* e o *ato* do conhecimento. Enquanto o *ato* é um processo psíquico que transcorre no tempo, o mesmo não é válido para os princípios lógicos, pois, ao se referir a eles, não se refere a uma *vivência* temporalmente determinada, mas para algo atemporal, objetivo e eternamente válido.

Trata-se de uma oposição entre subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo conhecido, ou seja, uma distinção entre a esfera do *real* e do *ideal* (o ato de pensar e o conteúdo lógico/objetivo do pensamento). Se faz necessário uma clarificação entre ambas, pois, ainda que os princípios lógicos sejam apreendidos “na” e “pela” consciência, os mesmos permanecem dotados de *idealidade*, a sua validade lógica *ideal* não depende de tudo que é faticamente real e existente, conseqüentemente, não podem ser reduzidos a meros atos psíquicos reais. Ao defender que o objeto próprio da lógica fica circunscrito ao mundo das idealidades, o pensador se comprometeu com uma forma de *platonismo lógico*.⁴⁰ Conforme esse ponto de vista, as leis (verdades) lógicas pertencem a um *domínio ideal* (“um mundo à parte”) independente do domínio empírico, ou seja, as verdades lógicas existem para além das ideias subjetivas.⁴¹ Observa-se que a verdade $2 + 3 = 5$ permanece por si só como uma verdade pura quer exista ou não um mundo, e esse mundo com coisas reais e efetivas.⁴² A origem do *psicologismo* relacionado aos objetos ideais consiste no fato de que os mesmos não podem ser percebidos

³⁹ HUSSERL, 2014, p. 52.

⁴⁰ Essa noção não deve ser confundida com um platonismo metafísico.

⁴¹ Cf. PELLETIER, *et al.*, 2008, p. 03; ZAHAVI, 2003, p. 09; PORTA, 2004, p. 109.

⁴² Cf. ZAHAVI, 2003, p. 09.

Polymatheia

Revista de Filosofia

sensivelmente.⁴³ Ao pressupor à lógica como produto da psicologia, transfere-se para essa disciplina o papel de ciência fundamental, produzindo uma naturalização da lógica, que em seu caráter fundacional se encontra numa esfera teórica investigativa desvinculada do argumento psicologista. Esse problema requer uma compreensão da psicologia como uma ciência causal-explicativa que procede de forma empírica e indutiva. O *psicologismo* procede de modo indutivo, intentando derivar uma lei lógica universalmente válida de fatos da experiência.⁴⁴ O argumento psicologista recai, portanto, em um contrassenso teórico, proposições inferidas da experiência, carecem de validade apodíctica, deste modo, nos conduzem a um relativismo cético. Consiste em um relativismo, pois, assume não haver verdadeiro ou falso, algo é verdadeiro ou falso apenas em relação a uma determinada estrutura psíquica. Entretanto, se verdadeiro e falso não existem, o *psicologismo* torna-se relativo, levando-nos ao ceticismo, e segundo Husserl, todo ceticismo, não somente é falso, mas absurdo. O *psicologismo*, enquanto relativismo cético, toma o sentido do termo “verdade”, ao passo que nega essa noção, entra em uma contradição formal que o torna não apenas falso, mas também contraditório.

Contra o psicologismo, Husserl defendeu que a lógica deve ser compreendida como uma disciplina pura e formal, independente da psicologia. Como mencionado, pensadores psicologistas não consideravam a distinção entre *realidade e idealidade*, ou seja, entre *verdades de fato e verdades de razão* (distinção leibniziana).⁴⁵ Essa distinção consiste em uma “diferença categorial essencial” e, ao ignorar a separação entre esses domínios, ocorre o que o autor denominou de “*consequências empiristas do psicologismo*”, ideias incompatíveis com a função própria da lógica. Trata-se de um relativismo da verdade, para exemplificar, tomemos o “princípio de não contradição”, se tal princípio for uma lei psicológica, a verdade de seu enunciado poderia variar de pessoa para pessoa. Isso abala o valor de todo conhecimento, pois, torna as verdades lógicas inconsistentes. As regras empíricas desempenhadas pela ciência psicológica são inferidas por indução, carecem de exatidão, sua validade depende de circunstâncias, sendo assim, elas não são “leis” no sentido autêntico da palavra, ainda que detenham certo valor, são apenas “generalizações vagas da experiência”. As leis da lógica, no que lhe concernem, permanecem, independentemente da existência ou não de um “ser” que

⁴³ PORTA, 2011, p. 81.

⁴⁴ Cf. PORTA, 2011, p. 79; THOMÉ, 2014, p. 136.

⁴⁵ Cf. HUSSERL, 2014, p. 101.

Polymatheia

Revista de Filosofia

possa pensá-las ou expressá-las, são, portanto, “leis em si”. Vejamos as consequências de tal implicação.

Em primeiro lugar: Sobre fundamentos teóricos vagos só podemos fundar regras vagas. Se as leis psicológicas carecem de exatidão, então o mesmo tem de ser válido para as prescrições lógicas. Ora, é indubitável que muitas destas prescrições padecem, com efeito, de imprecisões empíricas.

[...]

Em segundo lugar: [...] A indução não funda a validade da lei, mas apenas a maior ou menor probabilidade dessa validade; justificado por intelecção é a probabilidade, não a lei. Em consequência, também às leis lógicas, sem exceção, tem de caber a condição de meras probabilidades. Em contraste com isto, nada parece mais óbvio do que serem *a priori* válidas todas as leis “puramente lógicas”. Elas encontram a sua fundamentação e justificação não por meio de indução, mas por *evidência apodítica*.

[...]

Em terceiro lugar: Se as leis lógicas tivessem a sua fonte de conhecimento em fatualidades psicológicas, se fossem como ensinam frequentemente os nossos opositores, expressões normativas de fatos psicológicos, então elas próprias teriam de ter um conteúdo psicológico e, com efeito, num duplo sentido: teriam de ser leis para o psíquico e, simultaneamente, de pressupor ou de incluir a existência do psíquico.⁴⁶

Ao expor as incoerências da doutrina psicologista, o autor enfatizou os princípios essenciais na fundamentação de quaisquer ciências, e na elaboração desses princípios, a importância de considerar a clara distinção entre os domínios do *real e ideal*. Não ter em consideração tal distinção conduz a contrassenso de ordem epistemológica, colocando o *psicologismo* como um relativismo (da verdade), com a sujeição de uma verdade atemporal a um fato temporal (o tempo factual do mundo empírico). É um contrassenso, visto que essa noção de temporalidade não pode abranger algo eterno como as espécies ideais. Ao afirmar as questões lógicas como sendo uma função psicológica, ou seja, como algo reduzido aos mecanismos empíricos de pensar, não compreenderemos um excedente da lógica que não cabe em uma relação empírica, ou seja, o caráter ideal e *a priori* de suas determinações.

As teses psicologistas tomam os objetos ideais como objetos reais passíveis de investigação segundo o método empírico-experimental, por isso enfrentam problemas, quando são solicitadas a justificar a validade universal dos princípios lógicos, que não dependem de quaisquer eventos empírico-psicológicos, “o que é verdadeiro, é absolutamente verdadeiro, é ‘em si’ verdadeiro; a verdade é idêntica e só uma, sejam homens ou não [...] É da verdade nesta unidade ideal, perante a diversidade real de raças, indivíduos e vivências, que falam as leis

⁴⁶ HUSSERL, 2014, p. 47-58.

Polymatheia

Revista de Filosofia

lógicas, e de que falamos todos.”⁴⁷ A lógica não consiste em uma disciplina que investiga por indução as leis factuais do pensar, e sim uma disciplina que estuda as leis *a priori* do pensamento. Não é empiricamente que atestamos os princípios lógicos universais, e sim por evidências apodíticas apreendidas por intelecção. O *psicologismo*, assim, comete um erro categorial ao compreender que os objetos da lógica e os da psicologia possuem a mesma natureza, são categorias de objetos diferentes. Temos a categoria dos objetos ideais e a dos objetos reais, e é um equívoco pretender derivar leis ideais e necessárias de leis contingentes/acidentais. Constata-se uma distinção entre a universalidade dos conceitos lógicos e a individualidade dos atos psíquicos, por isso, fundamentar tais conceitos em atos psíquicos abala a objetividade dessa ciência. As ciências diferem entre si, operam em domínios distintos, a psicologia pesquisa, segundo as suas leis, as conexões reais entre si dos processos de consciência. Segundo a posição *anti-psicologista*, as leis psicológicas são leis naturais do pensar e, nesse sentido, apenas regras contingentes. O seu significado de lei difere das leis lógicas, leis normativas do pensar e tem caráter necessário, para os lógicos não interessam conexões de aspectos naturais, e sim conexões de ordem ideais, que não se encontram no processo fático do pensar.⁴⁸

Segundo o autor, em sentido teórico, o conceito de ciência diz respeito a uma unidade sistemática do saber (conhecimento). O que qualifica o conhecimento científico, em comparação com outras formas de conhecimento, é o modo como esse saber opera, ou seja, por fundamentações, que obedecem a determinadas regras que lhes dão unidade sistemática. Uma ciência é um domínio da verdade e essas fundamentações garantem tal coisa. Ao constatar uma insuficiência quanto aos fundamentos dos princípios lógicos, e, dado que a psicologia não era a ciência adequada para fundamentá-los, o filósofo argumentou a favor de uma disciplina, uma “doutrina ou teoria da ciência” denominada de *Lógica Pura*. O pensador buscou fundamentar uma ciência capaz de escapar dos empecilhos vigentes na época, assegurando as condições de possibilidade de todo conhecimento. Um domínio de conhecimento que especifica sob que condições a lógica apreende a verdade das regras de ordenação necessária do real.⁴⁹ Consoante ao autor, as leis puramente lógicas, bem como as leis da *mathesis pura* pertencem a esse

⁴⁷ HUSSERL, 2014, p. 88.

⁴⁸ HUSSERL, 2014, p. 42.

⁴⁹ Cf. HUSSERL, 2014, p. 11-12.

Polymatheia

Revista de Filosofia

domínio, não têm sua fundamentação na indução, estão, “em si”, na sua exatidão absoluta.⁵⁰ A noção de ciência refere-se ao saber, com o qual se obtém a verdade a respeito de algo, sendo a “verdade em si” o tema da lógica. Segundo a concepção husserliana, a “verdade em si” mantém o seu *ser ideal*, uma unidade de validade no domínio atemporal das ideias que pertence ao domínio do absolutamente válido.⁵¹ As *espécies ideais* não se deixam perecer, são “eternas”. Para o autor, compete a *Lógica Pura* a tarefa de investigar as leis puras que permitem a relação não arbitrária entre o que é da ordem ideal (significações) e o que é da ordem real (objetos).

De fato, sempre que trata de conceitos, juízos, raciocínios, a *Lógica Pura* tem que ver exclusivamente com estas unidades ideais, que denominamos significações: e na medida em que nos esforçamos por extrair a essência ideal das significações dos seus vínculos psicológicos e gramaticais, na medida em que, para além disso, temos em vista clarificar as relações apriorísticas de adequação à objetividade significada fundadas nesta essência, estamos já no domínio da *Lógica Pura*.⁵²

Conforme a citação, a problemática gira em torno da questão do sentido ou significação.⁵³ O significado de enunciados científicos são também objetos dotados de idealidade, caracteriza-se por ser atemporal.⁵⁴ Para o autor, toda e qualquer ciência é, segundo o seu teor objetivo, um complexo ideal de significações [*in specie*].⁵⁵ Percebe-se, por exemplo, que todo símbolo é portador de um sentido, não obstante, é preciso compreender o que é um símbolo e como ele se mostra em um ato de pensamento. Para Husserl, não podemos assumir que um símbolo tem apenas a função de substituir um objeto, pois, há símbolos que simbolizam o “não simbolizado”, logo, se nos valermos tão-só do artifício psicológico, vamos nos deparar com algo insuficiente, já, que não teremos um símbolo quando não tivermos um objeto intuitivo. O significado não depende que um objeto da percepção exista de fato. Por meio das regras gramaticais da linguagem constituímos um significado ou objetividade, no entanto, a idealidade da significação é restrita ao caráter *ideal* do ato significativo. Deste modo, as significações são formas de natureza ideais. Os objetos ideais existem verdadeiramente, sendo a unidade ideal, o que se está perante a multiplicidade dos atos possíveis.

⁵⁰ Cf. HUSSERL, 2014, p. 55-56.

⁵¹ Cf. HUSSERL, 2014, p. 96.

⁵² HUSSERL, 2015, p. 76.

⁵³ Nas “*Investigações Lógicas*”, o autor não faz uma distinção entre sentido e significado.

⁵⁴ Por exemplo, uma proposição, sendo ela algo ideal, uma teoria também o será, pois, é “um sistema dedutivo de proposições” (HUSSERL, 2014, p. 181).

⁵⁵ Cf. HUSSERL, 2015, p. 79.

Polymatheia

Revista de Filosofia

Se toda e qualquer unidade teórica dada é, segundo a sua essência, unidade de significação, e se a Lógica é a ciência da unidade teórica em geral, então é ao mesmo tempo evidente que a Lógica deve ser a ciência das significações enquanto tais, das suas espécies e diferenças essenciais, tanto como das leis puras (portanto, ideais) que nelas se fundam. Porque destas diferenças entre significações objetivas e sem objeto, entre significações verdadeiras e falsas, e, por conseguinte, relativamente a estas leis, também as “leis de pensamento” puras, que expressam a conexão *apriorística* das formas categoriais das significações e a sua objetividade, ou seja, a sua verdade.⁵⁶

Husserl afirmou que no interior da *Lógica pura*, delimita-se a doutrina pura das formas de significação, enquanto esfera primeira e fundamentadora quando considerada “em si mesma”.⁵⁷ Para exemplificar, temos uma citação em que o autor menciona a “cor vermelho”, como uma *espécie* perante as diferentes manifestações concretas da respectiva cor, em suas palavras: “em todos os casos, o momento individual é diferente, mas ‘em’ cada um realiza-se a mesma espécie; esse vermelho é o mesmo que aquele vermelho [...] é a mesma cor”.⁵⁸ Segundo a argumentação husserliana, devemos admitir a existência de objetos ideais, irrelativos ao tempo e ao espaço; que possuem uma verdade irrelativa, isto é, que não tem referencial pertencente a determinado grupo (sejam eles seres humanos, anjos, deuses, etc.), ao lado de um “ser real e temporal” temos então um “ser ideal e atemporal”. As verdades de fato são temporais e mutáveis, no que lhe concerne, as verdades de razão são atemporais, imutáveis e objetivas. No âmbito das verdades de fato temos toda a ciência experimental, restrita a um domínio de fatos contingentes, ao passo que na esfera das verdades de razão encontramos às verdades dos objetos ideais, os objetos da *Lógica Pura*. Edmund Husserl argumentou a favor dessa teoria que versa sobre objetos ideais e pressupõe a aceitação de entidades abstratas. O tema da fenomenologia é a correlação universal e necessária entre atos e objetualidades, e, nesse caso, os objetos lógicos e matemáticos.

À medida que sustentam a ideia de uma *Lógica Pura*, o texto “*Prolegômenos*” consistiu num escrito preparatório para as demais “*Investigações Lógicas*”. Devido aos impasses no projeto de fundamentação das ciências formais (tais como a lógica e a aritmética), Husserl pretendeu tratar da fundamentação de uma “doutrina das ciências”. O pensador vislumbrava a necessidade de um terreno verdadeiramente seguro, pois, considerava que as ciências naturais,

⁵⁶ HUSSERL, 2015, p. 77.

⁵⁷ HUSSERL, 2015, p. 289.

⁵⁸ HUSSERL, 2015, p. 92.

Polymatheia

Revista de Filosofia

sobretudo, a psicologia empírica, não garantia uma fundamentação segura para seus conceitos fundamentais. Isto posto, deu ênfase a noção de *Lógica Pura*, as verdades que ela busca fundamentar são absolutas, no sentido de unidades ideais, seu estudo é direcionado para as estruturas formais de uma teoria, desse modo, sua constituição não depende da contingência existencial de um determinado “ser” para pensá-la. O texto visa combater o *psicologismo lógico*, e essa discussão coincide com o desenvolvimento de uma *Teoria do conhecimento*. O projeto de fundamentação da *Lógica Pura* se conecta com o trabalho de realização de uma teoria fenomenológica do conhecimento.

A primeira tarefa da fenomenologia será a de clarificar essa *Lógica Pura*, isto é, analisar os seus objetos, ou seja, as significações, para uma investigação da própria consciência de objeto em suas estruturas constitutivas de sentido.⁵⁹ Uma refutação ao *psicologismo lógico* só é possível se demonstrar não apenas a existência de objetos ideais, mas também a possibilidade de os acessar. Por exemplo, os objetos lógicos e matemáticos, conforme descrito, não se encontram em uma gênese psicológica, porém, é necessário analisar como eles podem ser explicitados a partir da cognição que tem caráter subjetivo. É imprescindível demonstrar a independência das estruturas ideais, e, simultaneamente, tornar compreensível a possibilidade de sua apreensão por parte do sujeito psíquico. Husserl precisou tematizar a relação entre *subjetividade* e *transcendência* no processo do conhecimento, desprendendo o *ato psíquico* de qualquer fundamentação psicológica em uma tentativa de autofundamentação absoluta. Essa análise irá considerar o conceito de *consciência enquanto vivência intencional* (ou *intencionalidade*) e sua distinção entre *ato*, *conteúdo* e *objeto*, que apontará para a correlação entre *objetividade* e *subjetividade*.⁶⁰ A clarificação do sentido da objetividade lógica resulta de uma análise descritiva das *vivências*.

As vivências são particularidades reais, temporalmente determinadas, se geram e perecem. A verdade, contudo, é “eterna”, ou melhor: é uma ideia e, como tal, supratemporal. [...] É certo que se diz também da verdade que ela nos “vem à consciência” ocasionalmente, e assim é “apreendida”, “vivenciada” por nós. Mas fala-se aqui, em relação a este ser ideal, de apreender, vivenciar e tornar-se consciente num sentido inteiramente diverso do que em relação ao ser empírico, [...] individualmente isolado. “Aprendemos” a verdade não como um conteúdo empírico, que emerge e novamente desaparece no *fluxo [nas correntes]* de vivências psíquicas; ela não é um

⁵⁹ THOMÉ, 2014, p. 137.

⁶⁰ O filósofo recusou a teoria bipartite da *intencionalidade*, tal como proposta por Franz Brentano, que distingue *ato* e *conteúdo* (*objeto imanente*), e apresentou uma teoria tripartite, caracterizando *ato*, *conteúdo* e *objeto*.

Polymatheia

Revista de Filosofia

fenômeno entre fenômenos, mas uma vivência naquele sentido totalmente alterado, no qual um universal, uma ideia, é uma vivência.⁶¹

A fundamentação epistemológica da *Lógica Pura* implica uma determinada concepção de *subjetividade*, que deve ser descritivamente avaliada. Esse retorno a subjetividade, não é, contudo, uma recaída no *psicologismo*, pois, não se trata de uma redução do objeto ao ato, e sim uma tentativa de compreensão do objeto e sua correlação para com os atos, descrevendo a sua estrutura *a priori*. Este problema deve ser resolvido tendo em consideração as próprias *vivências*, e do que nelas aparece necessariamente como irreduzível. Tais questões, no entanto, ultrapassam os limites dos “*Prolegômenos*”, o que nos leva para uma análise da segunda parte das “*Investigações Lógicas*”, as “*Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*”. De acordo com Edmund Husserl: “[...] não a Psicologia, mas, sim, a Fenomenologia é o fundamento e o esclarecimento puramente lógico”.⁶² Entretanto, minuciosas considerações sobre essa problemática é tarefa para outro trabalho.

REFERÊNCIAS

BRENTANO, Franz. O Psicologismo: ou o porquê não sou um Psicologista. Tradução de Evandro O. Brito. *Peri*, p.169-172, 2013. Disponível em: <http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/889> Acesso em: 24/05/2020.

BRENTANO, Franz. *Psicología desde el punto de vista empírico*. Traducción de Sergio Sánchez-Migallón. Ediciones Sígueme, Salamanca/España, 2020.

BRITO, Evandro O. A descrição da atividade intencional da consciência na obra psicologia descritiva de Franz Brentano. *Kinesis*, p. 174–187, 2012. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/evandrobrito174-187.pdf> Acesso em: 24/05/2020.

BRITO, Evandro O. A Psicologia como uma ciência empírica segundo Franz Brentano. *Paradigmas*, v.11, p.6–7, 2002. Disponível em: <http://www.paradigmas.com.br/index.php/revista/edicoes-11-a-20/edicao-11/209-apsicologia-como-uma-ciencia-empirica-segundo-franz-brentano> Acesso em: 22/10/2021.

BRITO, Evandro O. *Filosofia, psicologia e método científico em Franz Brentano*. In: José Cláudio Morelli Matos (Org.). *O discurso da civilização e o discurso da barbárie*. São José: Centro Universitário Municipal de São José, 2014. p. 13-27.

⁶¹ HUSSERL, 2014, p. 95, grifo nosso.

⁶² HUSSERL, 2015, p. 16.

Polymatheia

Revista de Filosofia

FARBER, Marvin. Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia. Trad. Silvana Ayub Polchlopek; Adriano Furtado Holanda. *Revista da Abordagem Gestáltica* – XVIII (2): 235-245, jul-dez, 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200014

Acesso em: 08/11/2021.

GYEMANT, Maria. *Intentionnalité et Inconscient Réflexions sur le fonctionnement de la vie psychique à partir du premier Husserl et de Freud*. Thèse de Philosophie, Sorbonne. Paris, France, 2011.

HUEMER, WOLFGANG. *Husserl's Critique of Psychologism and his Relation to the Brentano School*. In: Arkadiusz Chrudzimski and Wolfgang Huemer (eds). *Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy*. Frankfurt: Ontos, p. 199–214, 2004.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura: volume 1*. Tradução Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas: Vol. 2, Parte 1: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Trad. Pedro Alves e Carlos Morujão. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

KUCSH, M. Psychologism. *The Stanford Encyclopedia of philosophy*. (Spring 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/psychologism> Acesso em: 12/08/2022.

LAUER, Luiz Felipe Netto. *Lógica e ontologia na lógica pura do jovem Husserl: um estudo sobre dois aspectos da dimensão formal*. Tese doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021, p. 97-109.

MADUREIRA, J. M. *Fenomenologia das Representações: a equivocação do termo "representação" na tese "todos os atos ou são representações ou se fundam em representações" arrazoada por Edmund Husserl na V Investigação das "Investigações Lógicas"*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, São Paulo, 2008.

MORAN, Dermont. *Husserl and Brentano*. In: *The Routledge Handbook of Franz Brentano and the Brentano School*. Ed. Uriah Kriegel. New York: Routledge, 2017. p. 293-305.

MORAN, Dermot. The Inaugural Address: Brentano's Thesis. *Source: Proceedings of the Aristotelian Society*. Vol. 70 (1996), p. 1-27. Disponível em: [https://www.ucd.ie/t4cms/Inaugural%20Address_Brentano%20Thesis\(1996\).pdf](https://www.ucd.ie/t4cms/Inaugural%20Address_Brentano%20Thesis(1996).pdf) Acesso em: 18/10/2021.

PELLETIER, F.J., R. ELIO, P. HANSON. Is Logic all in our Heads? From Naturalism to Psychologism. *Studia Logica*, (2008) 86: 1–65. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~jeffpell/papers/PellHansElioFinal> Acesso em: 11/12/2022.

Polymatheia

Revista de Filosofia

PORTA, M, A, G. Algunas Consideraciones en Torno a la Distinción de Tipos de Psicologismo en Husserl. *Cognitio*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 279-302, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/download/12974/9449/0> Acesso em: 22/11/2021. (a)

PORTA, M, A, G. Crítica al psicologismo y concepción de subjetividad en Frege. *Manuscrito – Rev. Int. Fil.*, Campinas, v. 37, n.2, pp. 357-413, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/man/a/jYJcrgjtzFzmJgzSB5mw6tm/?lang=es> Acesso em: 28/10/2022.

PORTA, M, A, G. A polêmica em torno do psicologismo de Bolzano a Heidegger. In: *Síntese*. Belo Horizonte, v.31, n99, 2004, p. 107-132. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/364/684> Acesso em: 22/09/2021.

PORTA, M, A, G. O desenvolvimento da crítica husserliana ao psicologismo após as Investigações Lógicas. *Phainomenon*, nº 20-21, p. 77-128, 2011.

PORTA, M, A, G. Prolegômenos aos “Prolegômenos”. (sobre o lugar das “Investigações Lógicas” no *Psychologismustreit*. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, Vol. 2 - 3 – 2021, 356-365. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/110> Acesso em: 05/09/2022.

PORTA, M, A, G. *Psicologia e filosofia: estudos sobre a querela em torno ao psicologismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

PORTA, M, A, G. Psicologismo e idealismo em Frege y Husserl. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 37, n. 117, 2010. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/288> Acesso em: 16/05/2022. (b)

THOMÉ, S, C. Imanência versus transcendência: A problematização do conceito de intencionalidade na fenomenologia de Edmund Husserl. *Revista Diálogos Possíveis*. p. 135-150, 2014.

ZAHAVI, D. *Husserl’s phenomenology*. Stanford, California. Stanford University Press, 2003.

